



Uma viagem através da música

Não precisamos de uma máquina do tempo para viajar aos anos 1950 ou 40. Para quem viveu nessas épocas, só escutar uma canção é o suficiente para reavivar lembranças e memórias do que já passou. Mas nem é preciso ter vivido no passado para sentir saudade. Entre discos de vinil e vitrolas, vasculhamos histórias para entender esses fãs de música nostálgicos

JULIANA SACRAMENTO E MILENA FORTES

O ano era 1984. Todas as sextas-feiras, alunos do ensino primário do Colégio de Aplicação da UERJ participavam de atividades

lúdicas após quatro dias de aula em horário integral. Com uma vitrola disponível, os meninos trataram logo de utilizá-la, montando um grupo cover da banda Menudo. O que eles não esperavam era se deparar com a concorrência. Com um

gosto nada infantil, quatro coleguinhas de classe decidiram vivenciar o *rock and roll* imitando os Beatles incentivados pelo pai de um deles, que era um beatlemaníaco assumido. No papel de George Harrison estava Rafael Rusak, agora professor da PUC-Rio. Foi nesse cenário que começou uma paixão que perdura até hoje.

Na época do primeiro contato com os Beatles, Rusak tinha apenas 9 anos e não imaginava que um dia se tornaria um colecionador de vinis e principalmente da obra da banda. Ele calcula ter cerca de 2 mil em casa, incluindo também álbuns de clássicos do rock nacional e da MPB, mas pretende se desfazer de alguns por falta de espaço. Para ele, só os discos permitem a experiência plena de ouvir música.

“No vinil você tem que mudar o lado, tem que pular aquela faixa que acha chata, então você não deixa ele rodando e vai tomar banho, fazer outras coisas. Quando vai ouvir o vinil, você pega sua cervejinha, fica escutando no sofá, olhando a capa, pega um livro, geralmente sobre música, para folhear e pegar as referências. Ou seja, tem que estar presente na situação. Ouvir vinil é mais ritualizado, é diferente de como a geração mais nova tem a relação com a música, que é quase uma trilha sonora da vida, então eu acho que eles estão sentindo falta disso”, diz Rusak.

A paixão pelos discos fez o professor criar o Bolacha Preta Filmes, um canal no Youtube onde apresenta algumas faixas de seus LPS de música brasileira. Rusak seleciona alguns clássicos, como músicas de Caetano, Gilberto Gil, Gal Costa e Chico Buarque, grava o som da música e deixa a imagem saudosista da vitrola em movimento. Ele também escreve curiosidades sobre bastidores daquela canção, como quem produziu, quem criou a capa do disco e as informações técnicas do álbum. O canal existe há dois anos e hoje conta com mais de 240 vídeos, quase meio milhão de acessos e 900 inscritos.

Mesmo na era dos smartphones e músicas em MP3, muitos jovens se interessam pelos discos em vinil, seja pela qualidade do som ou pela história que o item carrega. O estudante de publicidade Pedro Magalhães, de 21 anos, é um dos fãs dessa faixa etária que fazem questão de ouvir música como seus avós faziam. O interesse surgiu na in-



Professor Rafael Rusak, mas que já foi George Harrison

fância, quando escutava discos com os avós. “Eu ia para casa da minha avó e ela sempre colocava algum vinil na vitrola e eu estava sempre por perto, olhando curioso, tentando entender como aquela máquina funcionava. Depois que cresci, escutava com meu pai alguns discos que ele guarda dos anos 1980 – Cazusa, Legião Urbana e outras bandas da época – e comecei a pesquisar e entender que o som compactado ali é melhor porque é menos comprimido que nos CD’s. Hoje eu compro meus próprios discos, comecei com um exemplar de *Abbey Road*, meu álbum preferido dos Beatles, que encontrei na Feira do Lavradio. A coleção ainda é pequena, mas pretendo me tornar colecionador”, conta.

A magia e o encantamento pelos vinis acontecem em uma pequena sala no Centro do Rio de Janeiro, repleta de LPS, do chão ao teto. É na Tropicália Discos, loja fundada em 2003 por Márcio Rocha, que muitos jovens encontram tesouros como o disco de Pedro. Apesar de receber clientes



Ellen e Denis, do rockabilly ao altar

na faixa dos 50 anos, Rocha percebeu que depois de 2008, cada vez mais jovens estavam procurando esse tipo de produto. “O ser humano tem essa tendência de recordar e quando alguma coisa é boa acho que influencia até quem não viveu na época. Esse é o caso do vinil. Tem o saudosismo de quem viveu que acaba contaminando os outros também”, explica.

A volta do vinil ao mercado fonográfico

Com a popularização da moda retrô no Brasil e no mundo, os LPs voltam a ser objeto de desejo e passam a fazer parte da vida de pessoas cada mais jovens. O último relatório anual da Federação Internacional da Indústria Fonográfica (IFPI, na sigla em inglês), realizado em abril de 2013, mostra que as vendas de vinis no ano de 2012 atingiram recorde, desde 1997. No ano passado, a British Phonographic Industry (BPI), instituição que mede a movimentação deste mercado no Reino Unido, registrou um aumento de 101% na comercialização dos dis-

cos. Já a Nielsen Soundscan, responsável pelos levantamentos nos Estados Unidos, informou que o crescimento foi de 32%, ambos comparados a 2012.

O Brasil não possui dados tão precisos, mas a Polysom – que ficou fechada por três anos – era a única fábrica de vinis da América Latina e foi comprada, em 2009, pela gravadora Deckdisc, que percebia o aumento das vendas nos Estados Unidos. Desde a reabertura, da empresa latina, 135.657 discos foram fabricados, entre clássicos da música brasileira e lançamentos do mercado. Em 2013, a companhia comemorou o aumento de 63% na produção, em relação ao ano anterior. No ano passado, a Polysom produziu 56.137 bolachas – como os mais íntimos chamam o vinil –, 23 mil a mais do que em 2012. O consultor comercial da Polysom, João Augusto, acredita que é a experiência de ouvir um vinil que o diferencia de um CD, mas as pessoas só se deram conta disso após o quase desaparecimento desse objeto. “O vinil é fundamentalmente uma experiência tátil, visual e auditiva. Manusear as quase 200 gramas do disco

nas mãos, colocá-lo no toca discos, observar magníficas artes estampadas em 31x31cm (contra os 12cm do CD), ler o encarte e a contracapa, trocar de lado e ainda ouvir um som que tem vantagens cientificamente comprovadas sobre qualquer som digital, tudo isso faz com que o vinil seja encarado como um fetiche, um objeto de desejo. Enfim, não é apenas um sentimento que une todas as pessoas que gostam de vinil”, explica Augusto.

Por definição, o áudio original – aquele produzido no estúdio – é analógico, mas a gravação digital captura dados desse sinal analógico em uma determinada velocidade (para CDs, cerca de 44.100 vezes por segundo) e mede cada dado com uma determinada precisão. Isso significa que os CDs não conseguem captar o áudio em sua totalidade e perdem-se sons de transição repentina como baterias ou trompetes, por conta da velocidade da captura. Nos aparelhos de CD, essa gravação então é convertida novamente para o analógico e enviada aos alto-falantes. Já os vinis possuem entalhes em sua superfície que refletem as ondas do som original. Ou seja, nenhuma informação é perdida, já que o toca-discos envia o áudio diretamente ao amplificador, sem converter. Segundo João Augusto, o vinil conserva uma profundidade do som que se perde claramente nos formatos digitais.

Mesmo com todas as comprovações científicas sobre a qualidade do vinil, há quem acredite que é o valor cultural desse objeto que dá relevância dentro do cenário das novas tecnologias. Paulo César de Araújo, professor de Comunicação e MPB da PUC-Rio e biógrafo, é um dos defensores desse viés. “Acredito que o vinil ganhou um *status*. Existe essa ideia de que é por causa do som, mas é mais que isso. É o que ele representou dentro desse universo da música popular. Eu escuto CD tranquilamente, não tem problema, mas nada se compara quando eu pego uma capa, vejo uma foto, um encarte. Acho que é isso que as pessoas valorizam. Esse fetiche, esse objeto ícone. Isso é valorizado”, finaliza.

Seja uma questão técnica, seja saudosismo, o fato é que existe um movimento nostálgico, de gente buscando referências, objetos e até um estilo vida de época que não viveram. Durante suas aulas Paulo César percebe que cada vez mais alunos na faixa dos 20 anos se interessam por músicas da

década de 1970 e 80 e rejeitam estilos musicais que hoje fazem sucesso, como o sertanejo universitário. Todo semestre, ao serem perguntados sobre qual é o artista da MPB que mais gostam, Chico Buarque é sempre o eleito, entre nomes como Gal Costa, Caetano Veloso e Cazuza. O professor acredita que é a força do cantor como ícone de resistência que o faz tão popular entre os alunos. “Chico se tornou um símbolo, mais que um cantor, mais do que um compositor, fazendo uma música que é brasileira e ao mesmo tempo crítica e social e se tornou modelo da MPB – música brasileira, influenciada pela bossa nova e de temática social. Então acho que isso reflete nessa preferência. Não surgiu ainda um artista na nova geração com todas essas credenciais”, explica Araújo.

A música tem o poder de transportar e, de certa forma, fazer os ouvintes vivenciarem algo único. Todo ano, blocos de Carnaval que tocam somente marchinhas compostas nos anos 1930, 40 e 50, arrastam multidões nostálgicas pelas ruas do Rio de Janeiro. Ellen Karini é uma dessas pessoas que se transportou para outros tempos, mas através estilo musical diferente: o *rockabilly*. O gênero é uma mistura de *rock* de 1950 com o *hillbilly*, uma vertente da música *country* americana, e inclui passos de dança elaborados. Em 2007, em uma das festas ícones do *rockabilly* em São Paulo – a The Clock Rock – Ellen conheceu o estilo e se apaixonou. “Fiquei totalmente perdida, com aquelas pessoas dançando juntas cheias de passinhos, foi um misto de encantamento e estranhamento. Eu nunca havia dançado *rockabilly*, mas foi como se eu já tivesse nascido pra isso”, conta. O encontro entre Ellen e aquele movimento foi amor à primeira vista, ou à primeira dança, e mudou a vida da auxiliar administrativa, que na época cursava Educação Física. Em uma das noites no The Clock Rock, Ellen conheceu Denis Campos, e logo depois se casaram. A cerimônia não podia ser diferente: carros antigos, vestidos rodados e claro, a trilha sonora foi o *rockabilly*. Hoje, os dois dão aula da dança no mesmo bar onde se conheceram e ainda se apresentam em eventos do gênero.

“ Eu nunca havia dançado rockabilly, mas foi como se eu já tivesse nascido pra isso ”

Ellen Karini

